

## CAPÍTULO 5

# IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL: INTERAÇÕES E PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.132142522045>

Data de submissão: 23/04/2025

Data de aceite: 05/05/2025

### **Magdalânia Cauby França**

Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo- USP. Professora do curso de Pedagogia da UNEB  
<https://orcid.org/0009-0002-8237-8762>  
<http://lattes.cnpq.br/4941404469132818>

### **Adriele Souza Nascimento**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia; Pós-graduanda em Alfabetização, Letramento e Psicopedagogia; Professora da Educação Infantil  
<https://orcid.org/0009-0002-2758-4491>  
<http://lattes.cnpq.br/0657488151063877>

**RESUMO:** Investiga as implicações da afetividade para o processo de alfabetização infantil, considerando as interações entre professores e alunos no contexto da escola pública. Com base em abordagem qualitativa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo com quatro professores do Ensino Fundamental I em uma escola municipal de Alagoinhas, Bahia. Os dados foram coletados por meio de questionários semiabertos e analisados por técnicas de análise de conteúdo. Os

resultados indicam que a afetividade é percebida pelos professores como um elemento essencial para o engajamento e sucesso dos alunos na alfabetização, embora nem sempre seja incorporada com intencionalidade nas práticas pedagógicas e formações oferecidas. Além disso, a pesquisa destaca a relevância da relação identitária na afetividade, considerando que o fortalecimento da autoestima e o reconhecimento da identidade cultural e racial dos alunos contribuem para o desenvolvimento de vínculos mais sólidos e motivadores no ambiente escolar. Os desafios enfrentados pelas docentes na implementação de abordagens afetivas reforçam a necessidade de políticas e formações que integrem a afetividade de forma mais consistente e alinhada ao desenvolvimento integral dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Afetividade. Relação professor-aluno. Identidade. Práticas Pedagógicas.

## IMPLICATIONS OF AFFECTIVITY IN CHILDREN'S LITERACY: TEACHERS' INTERACTIONS AND PERCEPTIONS

**ABSTRACT:** This study investigates the implications of affectivity for the process of children's literacy, considering the interactions between teachers and students in the context of public schools. Based on a qualitative approach, a bibliographic and field research was conducted with four Elementary School I teachers at a municipal school in Alagoinhas, Bahia. Data were collected through semi-open questionnaires and analyzed using content analysis techniques. The results indicate that affectivity is perceived by teachers as an essential element for students' engagement and success in literacy, although it is not always intentionally incorporated into pedagogical practices and training offered. In addition, the research highlights the relevance of the identity relationship in affectivity, considering that strengthening self-esteem and recognizing students' cultural and racial identity contribute to the development of stronger and more motivating bonds in the school environment. The challenges faced by teachers in implementing affective approaches reinforce the need for policies and training that integrate affectivity in a more consistent way and in line with the integral development of students.

**KEYWORDS:** Literacy. Affectivity. Teacher-student relationship. Identity. Pedagogical practices.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa explora as implicações da afetividade no processo de alfabetização infantil, destacando como vínculos emocionais, aliados a práticas pedagógicas, podem intensificar a integração social e o progresso acadêmico das crianças. O estudo busca evidenciar que metodologias de ensino fundamentadas em interações afetivas fortalecem a confiança, a segurança emocional e o sentimento de pertencimento dos alunos, promovendo uma aprendizagem mais enriquecedora. Ademais, a dissertação também enfatiza que estimular o reconhecimento da própria identidade e cultivar a autoestima dos estudantes é crucial para seu envolvimento e motivação no aprendizado, considerando que, no contexto educacional, abordagens pedagógicas que valorizam as dimensões emocionais e culturais contribuem significativamente para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e eficiente, favorecendo tanto o avanço acadêmico quanto o desenvolvimento social.

Para alcançar tais propósitos, utilizou-se a abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica, foi analisado materiais de autores como Almeida e Mahoney (2008), Freire (2014), Tassoni (2013), Ferreira e Rios (2024), Oliveira (2019), Leite (2012), Teixeira (2023), entre outros. A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública de Alagoinhas, Bahia, com a participação de quatro professores do Ensino Fundamental I. Na pesquisa de campo buscou-se compreender como as relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos influenciam diretamente no processo de alfabetização e no desenvolvimento integral das crianças.

A alfabetização infantil no Brasil enfrenta desafios históricos e estruturais, marcados por avanços interrompidos devido a crises políticas e econômicas. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, lançado em 2013, representou um marco importante, mas os impactos da pandemia de Covid-19, em 2021, agravaram os índices de alfabetização. Dados do INEP (2023) indicam que apenas 56% das crianças do 2º ano estão alfabetizadas, muito abaixo da meta nacional de 80%. Além de fatores como pobreza e falta de infraestrutura, destaca-se a influência dos aspectos emocionais e relacionais no processo de aprendizagem, visto que as relações afetivas são especialmente importantes em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, onde a escola muitas vezes é o principal espaço de acolhimento e estímulo emocional para as crianças.

Diante dessas reflexões, a pesquisa busca responder à seguinte questão: de que maneira os aspectos afetivos influenciam o processo de alfabetização infantil? Para isso, o objetivo geral é investigar como a afetividade contribui para a alfabetização, com base na análise das relações afetivas entre professor e aluno. Os objetivos específicos incluem: investigar as concepções teóricas sobre afetividade e alfabetização; analisar como práticas pedagógicas pautadas na afetividade influenciam a motivação e a aprendizagem das crianças; e examinar as relações afetivas no contexto escolar, considerando aspectos sociais e culturais.

## CORRELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

A alfabetização representa um marco cognitivo significativo, pois promove habilidades essenciais para o convívio na sociedade globalizada. Assim, podemos compreender que a combinação de diálogo, afetividade e metodologias diversificadas cria um ambiente de aprendizagem mais rico e adaptado às singularidades de cada aluno. O educador deve enxergar o aprendiz não apenas como um receptor de informações, mas como um ser completo, com uma identidade construída a partir de sua história de vida, experiências e capital cultural.

A afetividade pode ser utilizada de diversas formas como aliadas dos processos pedagógicos escolares, e a sua relevância pode ser aproveitada desde o planejamento do professor, ao selecionar atividades alfabetizadoras que surtem efeitos positivos no emocional do estudante, como podemos observar na revisão da literatura.

Estudos do desenvolvimento humano e aprendizagem convergem no entendimento que a afetividade é fundamental para o desenvolvimento psíquico e da personalidade, funcionando em harmonia com a inteligência e o cognitivo. Almeida e Mahoney (2004) colocam que para Wallon, a afetividade:

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. Ser afetado é reagir com atividades internas/externas que a situação desperta." (Almeida; Mahoney, 2004. p.19-20)

De acordo com Piaget, o afeto é essencial para que o indivíduo tenha interesse e motivação para realizar as atividades propostas. Piaget afirmou: “Sem o afeto, não haveria interrogações ou problemas, e, portanto, não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência” (Schu, 1997, apud Piaget, 1962, p. 129).

Além disso, embora cada uma tenha funções diferentes, afetividade e inteligência se influenciam mutuamente no progresso da criança, e essa interação permite que a criança alcance níveis cada vez mais avançados de evolução mental e emocional.

Outrossim, de acordo com Passos e Cantero (2022), Vygotsky destacou o papel central da mediação social no desenvolvimento cognitivo e afetivo, argumentando que a interação social é fundamental para a aprendizagem e que as emoções não podem ser dissociadas da cognição. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) propõe que, ao trabalhar com os alunos em momentos de dificuldade, os professores devem fornecer apoio emocional e cognitivo, ajudando-os a resolver conflitos internos ou externos por meio da interação social. Segundo as autoras supracitadas, “a afetividade aqui entra como um catalisador que pode motivar ou desmotivar o aluno no processo de aprendizagem colaborativa” (Passos e Cantero, 2022, p. 654).

Adicionalmente, a partir de um olhar da contemporaneidade, é necessário compreender que as demandas emocionais e afetivas dos estudantes são muito complexas, indo muitas vezes para além do ambiente escolar, sendo indispensável a existência de uma rede de apoio pronta para atuar quando necessário uma intervenção especializada, e de acordo com Teixeira (2023), isso pode incluir a criação de espaços de diálogo abertos, onde os alunos possam compartilhar suas preocupações e receber orientação adequada. É fundamental haver uma colaboração com profissionais como psicólogos, conselheiros escolares ou especialistas em saúde mental, para fornecer suporte emocional extra aos alunos que necessitem de assistência.

Nesse contexto, Leite (2012) reforça que o desenvolvimento humano ocorre pela mediação cultural, iniciando-se nas relações interpessoais e a qualidade dessa mediação, especialmente entre professor, aluno e conteúdo, é determinante, pois as relações emocionais impactam diretamente o aprendizado. Ambientes escolares positivos promovem motivação e engajamento, enquanto os negativos podem gerar desmotivação e dificuldades. Quando um estudante se sente emocionalmente acolhido e seguro, ele se torna mais aberto a enfrentar desafios intelectuais, a persistir nas dificuldades e a se engajar mais ativamente no aprendizado. O contrário também é verdade: se o aluno enfrenta um ambiente de constrangimento ou fracasso, sua percepção de si e do conteúdo pode ser negativamente afetada. Ribeiro (2010) também argumenta que mesmo interações breves, mas afetivamente acolhedoras, contribuem para o sucesso escolar de alunos em situação de risco, reforçando a relevância da afetividade nas práticas pedagógicas.

Além disso, à primeira vista, pode-se pensar que a única forma possível de utilizar a afetividade como aliada no processo educativo é mediante demonstrações físicas de carinho, entretanto, segundo Tassoni (2013), conhecer os sentimentos dos alunos em relação às atividades realizadas possibilita que o professor reflita sobre quais estratégias são mais adequadas para o desenvolvimento do aluno, auxiliando-o no planejamento escolar e gerando reflexão no docente quanto à sua prática pedagógica. Sobretudo, consideramos que tratar os alunos com atenção, respeito, dignidade e incentivá-los é essencial para haver um ambiente afetivo positivo, embora isso não signifique que o professor não exercerá autoridade nos momentos devidos, conforme explica Paulo Freire (2014, p. 89) “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade.”

Toda prática educativa e os processos didáticos são guiados por um repertório teórico, ainda que de forma implícita, pois diversos pressupostos buscam orientar os esquemas educativos que os professores devem adotar para promover o desenvolvimento de seus alunos. A pedagogia humanista, destacada pelo psicólogo Carl Rogers, é uma abordagem que coloca os aspectos afetivos como centrais no processo educativo, enfatizando o papel ativo do aprendiz. Para Rogers, o ensino tradicional, focado na transmissão de conhecimento e no controle do professor, restringia o crescimento pessoal dos estudantes. Segundo Lima (2018), Rogers acreditava que a aprendizagem significativa ocorre quando o aluno participaativamente do processo, integrando emoções e intelecto, o que a torna mais duradoura. Ele também destacava a importância de o estudante aprender a aprender, desenvolvendo autonomia para buscar novas experiências e conhecimentos. Andrade et al. (2019) apontam um paralelo entre a abordagem rogeriana e as ideias de Paulo Freire, especialmente na valorização do protagonismo do aluno no processo educativo.

Cabe acrescentar que, com base em suas experiências como docente, Jesus (2006) destaca que, no processo de alfabetização infantil, a afetividade desempenha um papel fundamental, pois os alunos tendem a demonstrar maior interesse em realizar atividades escritas, inclusive prestando atenção à ortografia, quando essas atividades estão associadas a datas com carga afetiva, como cartas para o Dia das Mães, Dia dos Pais ou até mesmo cartas para amigos próximos. Complementarmente, em sua pesquisa, a autora ressalta a relevância da valorização dos saberes próprios e da subjetividade da criança, pois, conforme é argumentado, no ensino tradicional, a subjetividade do aluno é frequentemente desvalorizada, já que ele é tratado como um sujeito passivo, enquanto o professor é visto apenas como um transmissor de conhecimento, sem levar em consideração o conhecimento prévio do estudante. No entanto, sabemos que a alfabetização não ocorre somente no ambiente escolar; a criança é exposta a uma variedade de estímulos visuais e auditivos em outros contextos, que também contribuem para a sua aprendizagem. Nesse aspecto, um ensino baseado na afetividade e fundamentado na pedagogia humanista se

torna essencial para que o aluno tenha sua autonomia respeitada e incentivada. Para a autora, essa atenção à autonomia da criança é crucial, pois “a alfabetização não é um processo mecânico e dissociado da realidade do educando, mas o torna consciente da função social da escrita” (Jesus, 2006, p. 33).

Complementarmente, Bernardo (2016) aborda em seu artigo a importância do diálogo e da afetividade no processo de alfabetização, enfatizando que, por meio de uma comunicação empática, o professor pode compreender melhor as necessidades individuais dos alunos. É de suma relevância, também, que o professor mantenha uma observação ativa em relação aos estados afetivos dos estudantes, buscando identificar momentos em que conforto, escuta ou até mesmo espaço individual sejam necessários para promover um ambiente emocionalmente acolhedor e seguro, que favoreça a alfabetização.

Para entender as necessidades afetivas dos alunos, é igualmente importante considerar algumas subjetividades sociais e culturais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), obtidos por meio do Censo Escolar de 2022, aproximadamente 54% dos alunos matriculados na educação básica em escolas públicas se autodeclararam pretos ou pardos. Para esses estudantes, práticas de alfabetização e letramento que considerem sua racialidade oferecem a oportunidade de reconhecer e valorizar suas identidades culturais, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e do senso de pertencimento — fatores fundamentais para o bem-estar emocional e o sucesso acadêmico.

A afroalfabetização, por exemplo, é uma proposta educacional que combina as práticas de alfabetização com uma perspectiva afrocentrada. Essa metodologia busca valorizar a cultura, a história e a identidade afro-brasileira no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no contexto da alfabetização. O objetivo é criar um ambiente educacional inclusivo, no qual estudantes negros e pardos possam ver suas culturas e identidades refletidas e respeitadas, fortalecendo sua autoestima e senso de pertencimento. Isso também promove um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, reduzindo a incidência de bullying e discriminação racial, o que contribui para melhorar o clima escolar e facilita o aprendizado, a convivência e as relações afetivas no espaço educacional.

Em concordância, Ferreira e Rios (2024) destacam que a abordagem afrocêntrica oferece oportunidades justas de aprendizagem, conectando o ensino às identidades e culturas dos alunos, fortalecendo, assim, seu senso de pertencimento. Ao incluir no currículo a história, a produção científica e a literatura africana, essa abordagem contribui para o desenvolvimento da autonomia, da autoconsciência e da identidade dos estudantes. Além disso, tal abordagem propõe integrar a família e a comunidade ao processo educacional, reforçando os laços culturais e criando um ambiente de aprendizagem enriquecedor, onde a cultura africana e a diáspora sejam inseridas em práticas de leitura e escrita.

Complementarmente, ainda segundo Ferreira e Rios, a educação afrocêntrica não se limita à inclusão de conteúdos africanos na sala de aula, mas também questiona como as escolas abordam as questões étnico-raciais em diferentes dimensões (pedagógicas, formativas e administrativas). Isso permite que os estudantes negros se reconheçam em sua cultura, história e ancestralidade, tornando o processo de alfabetização mais significativo e conectado à sua realidade social e cultural, além de promover o pensamento crítico, a autoestima positiva e o orgulho étnico.

Ademais, Oliveira (2019) argumenta ser essencial que a escola seja um espaço para discussões sobre raça e racismo, especialmente durante os momentos de alfabetização e letramento. As crianças têm curiosidades e dúvidas sobre questões raciais, e a interação diária com o professor oferece oportunidades para abordar esses temas. Nesse sentido, o professor precisa incluir práticas antirracistas em seu trabalho cotidiano, para que as crianças negras possam se reconhecer positivamente em suas vivências escolares, na mídia e na sociedade. Além disso, a autora defende que tratar da identidade racial é algo que beneficia diretamente também as crianças brancas, pois:

[...] para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento racial crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar. (Oliveira 2019,p. 41 apud. Ferreira, 2015, p. 36).

Dessa forma, consideramos que o espaço escolar para uma alfabetização de qualidade, precisa ser um ambiente afetivo que promova a construção de identidades positivas desde a infância. Os professores desempenham um papel crucial nesse processo, e a escola deve ser um espaço de reflexão e empoderamento para crianças de todas as raças, mas especialmente para aquelas que enfrentam exclusão racial, considerando os estados emocionais de autorreconhecimento identitário, e prevenindo que ações discriminatórias ocorram dentro da própria instituição.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar de que maneira a afetividade contribui para o processo de alfabetização infantil, explorando as relações entre professores e alunos. Para alcançar esse propósito, foi adotada a abordagem qualitativa, que possibilita uma análise aprofundada das interações humanas. Martins (2004) destaca a adaptabilidade da abordagem qualitativa na coleta de informações, que pode incluir técnicas como observações, entrevistas e questionários, ajustando-se às demandas do estudo.

A estrutura do estudo está organizada em duas partes principais. A primeira oferece uma revisão de literatura sobre afetividade e alfabetização infantil, proporcionando embasamento teórico para a análise dos dados coletados. A segunda seção apresenta os resultados obtidos na pesquisa de campo, realizada com quatro professores do Ensino Fundamental I, por meio de um questionário composto por nove questões.

## **PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS SOBRE AS IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA ALFABETIZAÇÃO**

Compreender as concepções de professoras que atuam na educação básica sobre afetividade é essencial para aprofundar a análise do papel dessa dimensão no contexto educacional, especialmente no processo de alfabetização. Ao explorar suas percepções, constatou-se uma convergência na definição de afetividade como um fenômeno que abrange tanto emoções quanto sentimentos, reconhecidos como elementos fundamentais para a criação de vínculos no processo de ensino-aprendizagem. As respostas evidenciam uma visão da afetividade que integra aspectos internos e externos, destacando as emoções não apenas como vivências individuais, mas também como componentes relacionais capazes de favorecer um ambiente propício ao desenvolvimento.

Essas percepções estão alinhadas à literatura da área, como observado no estudo de Almeida (2008), que descreve a afetividade como um domínio funcional amplo, manifestando-se em tendências, emoções e sentimentos que moldam as interações humanas e impactam o desenvolvimento cognitivo. Silva (2019, p. 173) corrobora essa visão ao afirmar que “Na relação ensino-aprendizagem em sala de aula, a afetividade vem a ser um fator relevante de interação do docente, pessoa e profissional com a pessoa do aluno em sala de aula.” Essa perspectiva converge com o relatado pelas professoras, que destacam as manifestações afetivas como oportunidades para fortalecer laços com os estudantes. Demonstrações de empatia por parte do professor contribuem para a criação de um ambiente acolhedor, onde os alunos se sentem compreendidos e respeitados em suas individualidades, favorecendo a segurança emocional, essencial para que os estudantes se expressem, participem das atividades e se envolvam no processo de aprendizagem. Além disso, a combinação de empatia e cuidado também fortalece o senso de pertencimento dos alunos à escola, aspecto particularmente relevante em contextos de vulnerabilidade social, frequentemente presentes em escolas públicas.

No que se refere às implicações da afetividade no processo de alfabetização, a análise das respostas das colaboradoras revela um consenso sobre sua relevância como elemento facilitador da aprendizagem. As educadoras ressaltam que a afetividade não apenas potencializa o aprendizado acadêmico, mas também desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e social, contribuindo para a formação integral dos alunos. As professoras destacam que os vínculos afetivos entre professor e aluno fortalecem a confiança, promovendo maior participação e um interesse contínuo pelo aprendizado. Esse vínculo é visto como um motor de motivação que sustenta o engajamento e a perseverança das crianças diante dos desafios inerentes à alfabetização.

Quando a escola é percebida como um espaço seguro, os alunos se sentem mais confiantes para explorar, expressar-se e desenvolver sua autonomia, fatores indispensáveis para uma alfabetização de sucesso. As professoras observam que um clima escolar positivo

e inclusivo incentiva as crianças a resolverem problemas por si mesmas, promovendo a independência e curiosidade. Enfatizam que o desenvolvimento da autoconfiança está intrinsecamente ligado ao afeto; crianças que se sentem acolhidas e seguras são mais propensas a enfrentar as dificuldades da leitura e escrita, já que a segurança emocional fortalece sua capacidade de aprendizagem e autoestima.

Assim, percebemos que a percepção das professoras está em consonância com as teorias educacionais que ressaltam a importância de um ambiente emocionalmente seguro e afetivo para o desenvolvimento cognitivo, particularmente nas fases iniciais de alfabetização. De acordo com Leite (2012) a criação de um espaço educativo que valoriza o bem-estar emocional e a troca afetiva facilita a construção de um aprendizado significativo, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos e fortalecendo os alicerces para uma educação de qualidade, conforme podemos ver abaixo:

É possível defender que a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Trata-se, pois, de um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica, portanto, é um dos principais determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos/alunos e os objetos/conteúdos escolares. (Leite, 2012, p. 365)

De igual modo, podemos observar que, ao aprenderem com exemplos de empatia e cuidado, os alunos tendem a desenvolver melhores competências de autorregulação emocional. Essas habilidades contribuem diretamente para o processo de alfabetização, ao favorecerem maior concentração, persistência e resiliência frente aos desafios inerentes à aprendizagem.

No que se refere as dificuldades e desafios para trabalhar com a alfabetização considerando as relações afetivas, as professoras enxergam as relações afetivas como benéficas, mas também reconhecem os desafios como: a resistência emocional e a baixa autoestima das crianças como uma barreira real à alfabetização, ressaltando que nem sempre o professor consegue estimular essa autoestima de forma eficaz.

Essas respostas revelam uma compreensão complexa sobre a interação entre afetividade e alfabetização, pois enquanto a afetividade é vista como positiva para o processo, sua implementação pode enfrentar obstáculos práticos, como a resistência emocional dos alunos ou o equilíbrio necessário entre o vínculo afetivo e o cumprimento das metas pedagógicas. Gostaríamos de ressaltar que um dos caminhos viáveis para lidar com questões afetivas, que envolvem a autoestima e autoconfiança de alunos da escola pública, é a abordagem de questões identitárias. A alfabetização e o letramento racial podem contribuir significativamente para a resolução de problemas afetivos, especialmente ao promover o reconhecimento, a valorização e a inclusão das identidades estudantis e experiências étnicas históricas, visto que esses processos, ajudam a fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento das crianças ao incluírem narrativas, personagens e histórias que refletem a diversidade racial e cultural do país.

De acordo com Oliveira (2019), quando as crianças se veem representadas positivamente em materiais de ensino e na literatura, elas podem desenvolver uma identidade mais segura e uma autoimagem fortalecida, pois essa valorização de sua identidade racial faz com que se sintam aceitas e respeitadas no ambiente escolar, fator crucial para o desenvolvimento de uma autoestima saudável. Além disso, essa abordagem pode mitigar sentimentos de insegurança ou exclusão, o que torna o processo de aprendizado torna-se mais eficaz, pois o aluno percebe que sua história e cultura são reconhecidas, promovendo maior envolvimento com a alfabetização. Tal perspectiva é especialmente relevante no cenário educacional brasileiro, onde questões de autoestima e representatividade frequentemente são negligenciadas, mas, quando trabalhadas adequadamente, contribuem significativamente para o engajamento e a persistência acadêmica.

Quanto à contribuição da gestão escolar e da coordenação pedagógica no desenvolvimento de ações que relacionem afetividade e alfabetização, percebe-se que, embora existam esforços pedagógicos voltados para a alfabetização, o papel das relações afetivas é tratado de maneiras distintas. As respostas das professoras indicam que, embora a escola promova estratégias pedagógicas, o enfoque nas relações afetivas não parece ser uma prioridade formal, sendo muitas vezes fruto da iniciativa individual dos professores.

De acordo com Ribeiro (2010), atualmente a docência é uma atividade complexa que exige mais do que domínio do conteúdo disciplinar, é necessário que as questões relacionais sejam priorizadas. Contudo, apesar de sua importância, o tema da afetividade ainda é marginalizado ou tratado de forma superficial nas escolas e na formação de professores e essa contradição é mais preocupante quando considerando que o ensino envolve intensas interações humanas e o professor, ao lidar com alunos que apresentam diferentes disposições para aprender e carregam suas próprias particularidades, necessita de orientação adequada, repertório técnico e suporte de outras instâncias públicas para abordar questões que extrapolam o ambiente da sala de aula. Lidar com as dimensões afetivas requer muita competência técnica, e por vezes os fatores cognitivos se sobressaem as questões emocionais e afetivas na relação ensino-aprendizagem. Nesse sentido, concordamos com Ribeiro (2010, p. 407), quando ela coloca que:

Assinalar-se que a negligência da dimensão afetiva tem repercussão direta na prática do ensino e indica a necessidade de os formadores desenvolverem outros saberes e competências além das intelectuais nos futuros professores. Disso decorre a necessidade de rever a concepção de formação inicial e continuada, os conteúdos e os processos de formação, para melhor adaptá-los às novas exigências escolares e profissionais.

No que se refere à maneira como as colaboradoras levam em consideração o interesse dos alunos no planejamento das atividades de alfabetização e à forma como percebem esse interesse, as respostas mostram a utilização de uma abordagem sensível ao interesse e ao engajamento dos alunos, e esse interesse é percebido por meio da

participação ativa, diálogo, e demonstrações de entusiasmo. Em relação ao ponto abordado a respeito das necessidades pedagógicas, é válido trazer que os saberes científicos dispostos no currículo escolar são parte fundamental do processo de ensino, pois ao excluir sua importância, perde-se a finalidade da educação social, conforme é disposto por Freire (2014, p. 90):

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

Aprofundando a análise sobre como as professoras percebem a relação entre as condições identitárias dos alunos e o desempenho na alfabetização, evidencia-se que as colaboradoras consideram a identidade dos estudantes um fator decisivo para o sucesso no aprendizado inicial da leitura e da escrita. Segundo elas, o reconhecimento e a valorização da identidade do aluno, especialmente em termos de diversidade cultural, racial e de gênero, são fundamentais para criar um ambiente afetivo e acolhedor que facilita o aprendizado. As docentes reconhecem a afetividade como um aspecto que depende diretamente do autoconhecimento e da valorização da própria identidade, e observam que alunos que compreendem e respeitam sua identidade cultural e social tendem a se abrir mais para relações afetivas, o que, por sua vez, impacta positivamente seu aprendizado.

Esse entendimento é corroborado pela literatura, como discutido em Ferreira e Rios (2024), que afirmam que a formação da identidade na fase de alfabetização é essencial para o desenvolvimento da autonomia e autoconsciência dos estudantes. Quando os alunos reconhecem e valorizam suas raízes culturais, tornam-se mais críticos, engajados e seguros em suas capacidades educacionais, o que se reflete em um progresso mais sólido na alfabetização. Esse processo é ainda fortalecido pela criação de um ambiente educacional que não apenas respeita, mas também integra as práticas culturais e sociais da comunidade, promovendo um desenvolvimento identitário positivo e uma formação cidadã mais consciente.

Essa abordagem reforça a importância de uma escola que, além de ensinar, também acolha e valorize as múltiplas identidades dos alunos, possibilitando uma alfabetização que integra tanto o cognitivo quanto o emocional. Ao incorporar o letramento racial e cultural nas práticas de alfabetização, o professor também abre espaço para diálogos sobre diversidade e igualdade, estimulando um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Como ressalta Oliveira (2019), a inclusão de personagens, histórias e contextos culturais variados não apenas amplia o horizonte cultural dos estudantes, mas também os prepara para uma convivência social mais rica e respeitosa, facilitando a construção de uma “comunidade de aprendizado” onde cada aluno se sente parte de um todo e é motivado a participarativamente, seja por meio da leitura ou da expressão oral.

A última pergunta da pesquisa de campo procurou explorar como as professoras percebem a importância de reconhecer e intervir em situações de desequilíbrio afetivo e o impacto dessa prática no processo de alfabetização. A análise dos dados evidencia que todas as docentes entrevistadas compreendem a relevância da intervenção ativa nesses momentos para garantir o bem-estar emocional e o bom desempenho acadêmico dos alunos. De acordo com as respostas, situações de desequilíbrio afetivo podem afetar negativamente o interesse, a motivação e a autoconfiança dos alunos, elementos fundamentais para o sucesso no processo de alfabetização.

As professoras enfatizam que, para promover um ambiente de aprendizagem seguro e produtivo, é essencial que o professor esteja atento ao estado emocional dos alunos, intervindo sempre que necessário. Elas apontam que, ao agir de forma adequada, o professor pode não apenas prevenir uma queda no rendimento, mas também reforçar a motivação dos alunos, promovendo o desenvolvimento de uma autoconfiança essencial para a alfabetização.

Essa perspectiva é corroborada pelo estudo de Teixeira (2023), que enfatiza a importância de promover a consciência emocional nos estudantes. Tal abordagem envolve ensinar os alunos a reconhecerem e expressar suas emoções de maneira saudável, a compreender as emoções dos outros e a desenvolver habilidades de autorregulação. É importante ressaltar que essa formação emocional é vista não apenas como um suporte ao desenvolvimento acadêmico, mas também como uma ferramenta para construir resiliência emocional e social desde o início do processo educativo. Assim, o reconhecimento e a intervenção em momentos de desequilíbrio afetivo não são apenas estratégias pontuais, mas componentes essenciais para o fortalecimento da resiliência e para a formação de vínculos positivos que incentivam o engajamento e a confiança dos alunos no processo de alfabetização. Esse tipo de abordagem integrada, que valoriza tanto o aspecto afetivo quanto o pedagógico, emerge como uma ferramenta poderosa para a construção de uma base educacional sólida e emocionalmente segura, contribuindo não só para o sucesso acadêmico dos estudantes, mas também para o desenvolvimento de competências emocionais que os beneficiarão ao longo de sua trajetória educacional e de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo buscou entender como a afetividade pode contribuir com o processo de alfabetização infantil, com ênfase nas relações estabelecidas entre professores e alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. A pesquisa bibliográfica do trabalho revela a relevância da correlação entre afetividade e alfabetização, destacando que relações afetivas positivas entre professor e aluno podem incentivar o engajamento e facilitar o aprendizado inicial da leitura e da escrita. Os estudos também apontam que o ambiente afetivo promove uma maior abertura emocional e motivação nos alunos, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas envolvidas na alfabetização, demonstrando que a afetividade, portanto, atua como um elemento essencial para criar um ambiente de segurança e confiança, permitindo que os alunos enfrentem os desafios do processo de aprendizado com mais confiança e interesse.

A partir das análises realizadas na pesquisa de campo, foi possível identificar que para as professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, a afetividade exerce um papel central na motivação. Adicionalmente, percebemos também que professores que valorizam e integram práticas afetivas e abordam questões relacionadas a identidade e autorreconhecimento em suas metodologias observam, em geral, maior engajamento dos alunos e progressos significativos na aquisição da leitura e da escrita, pois quando os estudantes reconhecem e valorizam suas origens culturais, eles se tornam mais críticos, engajados e confiantes em suas habilidades educacionais. Em relação ao objetivo geral da pesquisa, que buscava investigar como a afetividade contribui para o processo de alfabetização infantil por meio das relações entre professores e alunos, observou-se que as respostas e percepções das professoras confirmam a relevância da afetividade como um facilitador importante para o aprendizado e a motivação dos alunos.

No que concerne os objetivos específicos, o estudo das concepções de afetividade e suas implicações para a alfabetização trouxe revelações valiosas sobre como as professoras entendem o papel das emoções e dos vínculos no contexto educacional, identificando-se uma compreensão rica e alinhada com a literatura pesquisada, que considera a afetividade um fator motivacional que impulsiona o interesse e o engajamento dos alunos na alfabetização. Ao avaliar o papel da afetividade na motivação para a aprendizagem, percebeu-se que as professoras veem nas relações afetivas um estímulo direto à participação ativa dos alunos, o que sugere que a afetividade tem um impacto positivo na disposição dos alunos para a aprendizagem e desenvolvimento. Adicionalmente, ao analisar as práticas pedagógicas e os vínculos estabelecidos na relação professor-aluno, ficou evidente que, para as docentes entrevistadas, a criação de laços de confiança e respeito é essencial para o desenvolvimento de um ambiente propício ao aprendizado, evidenciando a relevância das interações afetivas para o processo de alfabetização.

Contudo, o estudo também aponta desafios enfrentados por docentes, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade social. A falta de formação específica para lidar com as questões emocionais dos alunos e a ausência de suporte por parte das políticas públicas de educação são fatores que limitam a efetividade dessas práticas. Isso destaca a necessidade de um olhar mais atento das secretarias de educação para a integração de abordagens afetivas na formação continuada dos professores.

Por fim, compreendemos que a alfabetização, quando acompanhada de um enfoque na afetividade, não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo, mas também fortalece a identidade e o senso de pertencimento dos alunos. Recomendamos que estudos futuros aprofundem a compreensão da relação entre afetividade, aprendizagem e alfabetização, explorando diferentes faixas etárias e contextos educacionais para identificar as melhores práticas que possam ser aplicadas em diferentes realidades.

## **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, L.R; MAHONEY, A.A. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. In **Psicologia da educação**, n. 20. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43324>. Acesso em: 20 out. 2024.
- ANDRADE , D. E. da S. .; NETO , A. F. P. P.; OLIVEIRA , C. A. de .; BRITO , J. A. . Comportamentalismo, Cognitivismo e Humanismo: uma revisão de literatura. In **Revista Semiárido De Visu**, [S. I.], v. 7, n. 2, p. 222–241, 2019. Acesso em: 17 agos. 2024.
- BERNARDO, M.M.S. **A importância da Pedagogia da Afetividade no processo de alfabetização de crianças do Ensino Fundamental.** 2016, 27f. Orientador (a): Carmélia Regina Silva Xavier. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42130>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2022:** notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024.** Linha de Base. – Brasília, DF: Inep, 2015.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Inep publica o Indicador Criança Alfabetizada.** Publicado em 04 de jun 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/avaliacao-da-alfabetizacao/inep-publica-o-indicador-crianca-alfabetizada>. Acesso em: 15 de out. 2024.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e terra, 2014.fr
- JESUS, R. F.M. **Afetividade e alfabetização:** um elo indissociável. Memorial de formação, Campinas, SP: [s.n.], 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=547012>. Acesso em: 29 agos. 2024.
- LEITE, S.A.S. Afetividade nas práticas pedagógicas. In **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 20, n. 2, p. 355-368, dez. 2012. Disponível <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 out. 2024.
- LIMA, L.D. Teoria Humanista: Carl Rogers e a Educação. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 3, p. 161-161, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdghumanas/article/view/4800>. Acesso em: 15. Out. 2024
- MARTINS, H.H.S. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200007&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200007&script=sci_abstract). Acesso em: 21 out. 2024.
- OLIVEIRA, K. **Letramento racial crítico nas séries iniciais do ensino fundamental I a partir de livros de literatura infantil:** os primeiros livros são para Sempre. 2019, 174 f. Tese (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade de Ponta Grossa. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2884>. Acesso em: 11 set. 2024. SO

SILVA, S.L. A Dimensão da afetividade na relação professor/aluno. In **Revista Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 2, p. 168-175, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1029>. Acesso em: 11 set. 2024.

SCHU, M.M. **Afetividade e inteligência** – Jean Piaget. Blog da psicologia da educação, 1997. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/afetividade-e-inteligencia/#:~:text=%C3%89%C2%80incontest%C3%A1vel%20que%20afeto%20desempenha%20um%20papel,problemas%20nunca%20seriam%20colocados%20e%20n%C3%A3o%20haveria%20intelig%C3%A1ncia>. Acesso em 15 de out. de 2024.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita:** uma análise a partir da realidade escolar. Estud. pesqui. psicol. Rio de Janeiro , v. 13, n. 2, p. 524-544, ago. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 ago. 2024.

TEIXEIRA, A.Z.A. Um olhar na psicologia da educação e da aprendizagem. In Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. I.], v. 9, n. 6, p. 2868–2886, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10470>. Acesso em: 21 out. 2024.

PASSOS, L.A.S.; CANTERO, A.M.M. A Importância da Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem: Uma Análise Integrada das Teorias de Henri Wallon e Lev Vygotsky. In **Humanidades e Tecnologia (FINOM)**, v. 34, n. 1, p. 650-660, 2024. Disponível em: [https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/5558](https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/5558). Acesso em: 21 out. 2024.

RIBEIRO, M.L. **A afetividade na relação educativa.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 27, p. 403-412, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVsRc>. Acesso em: 15 out. 2024.